

KARIN MARIA PFLAUNE SCHOEN

Avaliacao de uma proposta de trabalho:
reflexoes acerca da cooperacao

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCACAO FISICA
1993



1290002374

Monografia apresentada à
Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação Física,
Coordenadoria de Pós-Graduação, como
exigência parcial para conclusão do
curso de Especialização em "Educação
Motora na Escola", orientada pela
Professora Silvana Venâncio.

A todos que souberam ouvir minhas reclamações,
em especial, minha mãe, Elizabeth...

À Silvana, orientadora, que encontrou forças para
não me deixar desistir...

... meu MUITO OBRIGADO.

RESUMO

Esta monografia traz uma avaliação sobre uma proposta de trabalho, realizada no segundo semestre de 1992 decorrente do trabalho interdisciplinar dos professores de quintas séries (segundos anos do 2º ciclo) de uma escola municipal de São Paulo.

Esta proposta tinha como primeira intenção melhorar a convivência na escola. À Educação Física coube trabalhar com temas como: cooperação, respeito, regras (consciência e prática) e limites.

O tema cooperação é o enfoque desta monografia. Após breve apresentação do trabalho realizado, vêm as reflexões acerca da cooperação, a princípio com relação ao desenvolvimento da moralidade, com base na teoria de Jean Piaget, e posteriormente, de modo mais abrangente, enquanto relação social, suas implicações na Educação Física.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	2
RESUMO.....	3
1. INTRODUÇÃO.....	5
2. A PROPOSTA.....	7
2.1. A Origem.....	7
2.2. Os Jogos Cooperativos.....	9
2.3. A Reação dos Alunos.....	12
3. COOPERAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA MÓRALIDADE.....	15
4. COOPERAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

1. INTRODUÇÃO

No início do ano de 1992, começava para mim um desafio. Queria trabalhar com Educação Física escolar e, ao assumir as aulas na Prefeitura de São Paulo, teria a oportunidade de experimentar "realmente" o que até então só sabia por teorias.

Após conhecer a escola, seus espaços, materiais, funcionários e saber alguma coisa sobre os alunos e a comunidade a que pertence, eu e as outras três professoras de Educação Física, também novas na escola, precisávamos montar nossa proposta de trabalho. Por sorte tínhamos bastante em comum com relação à profissão, pelo menos em teoria. Queríamos colocar em prática o que líamos até então e tínhamos um certo apoio da coordenação pedagógica para "experimentar". Lançamos uma proposta que priorizava a participação de todos os alunos nas aulas de Educação Física, o "desenvolvimento" da criticidade e o respeito às diferenças individuais. Para isso utilizávamos principalmente os JOGOS, a discussão de regras e de comportamentos.

No segundo semestre eu e mais uma professora resolvemos dar ênfase aos jogos de cooperação (os quais chamávamos de JOGOS COOPERATIVOS). Montamos um projeto para as primeiras e segundas séries (agora 1º e 2º anos do 1º ciclo), para as quais oficialmente não têm aulas de Educação Física com especialista. O enfoque principal do projeto era a construção e prática das regras, e para isso iríamos utilizar os jogos cooperativos. Com as quintas séries (2º anos do 2º ciclo) havia um trabalho interdisciplinar do qual participávamos e o tema gerador para este semestre foi: CONVIVÊNCIA, onde seriam trabalhados diversos aspectos como: reconhecimento de valores, respeito mútuo, cooperação, entre outros. Esse tema surgiu, pois sentíamos um clima ruim na escola, de muita competitividade e individualismo e pouca cooperação e trabalho coletivo, e isso não era só a nível dos alunos, mas de toda escola. Foi aí que procuramos dar ênfase à cooperação nas aulas de Educação Física, não que para isso tenhamos descartado a competição. Pretendíamos equilibrar um pouco melhor as coisas e fazer da competição algo saudável, ou pelo menos um pouco mais saudável.

Para isso trouxemos os jogos cooperativos, que foram trabalhados juntamente com os "jogos esportivos" (handebol, voleibol, basquetebol, futebol, etc.) e tentávamos relacionar as regras e comportamentos dos jogos cooperativos à vida na escola e fora dela e também aos "jogos esportivos".

Os jogos cooperativos muitas vezes foram utilizados

como incentivadores de discussões a respeito de alguns comportamentos que queríamos trabalhar, como: egoísmo, individualismo, violência, ganhar a qualquer preço...

Resumindo, pretendíamos através da consciência e discussão das regras nos jogos mudar a postura dos alunos, não só nas aulas e mesmo fora da escola.

Ao final do ano realizamos um campeonato com essas quintas séries, onde pretendíamos avaliar o trabalho realizado no semestre. Boa parte da organização e a separação dos grupos ficaram por conta dos alunos, as regras dos jogos foram modificadas de acordo com as condições que tínhamos e principalmente, o número de participantes por modalidade foi ampliado para que facilitasse a participação de todos.

Será esse trabalho com as quintas séries, com ênfase na questão da cooperação, relatado nesta monografia, com intenção de "repensá-lo" após novas experiências e outras teorias.

2. A PROPOSTA

2.1. A Origem

Proposta da Prefeitura Municipal de São Paulo: Projeto de Interdisciplinaridade - integração de conteúdos via TEMA GERADOR (com ênfase sócio-política).

Escola: E.M.P.G Dr. Antonio Carlos de Abreu Sodré - Santo Amaro - SP.

Em 1992 a escola tentou participar efetivamente e com maior número de professores envolvidos no Projeto de Interdisciplinaridade. Passaram a fazer parte dele as antigas 1ª, 2ª, 3ª, 5ª e 6ª séries (com o novo Regimento da Prefeitura Municipal de São Paulo, os termos corretos são: 1ª, 2ª e 3ª anos do 1º ciclo ou inicial e 2ª e 3ª anos do 2º ciclo ou intermediário), sendo que as quintas e sextas séries nem todos os professores participaram, só aqueles que tinham disponibilidade para os horários coletivos.

Minha participação: Em virtude da minha disponibilidade e interesse, participei principalmente com as quintas séries.

Desenvolvimento do Projeto de Interdisciplinaridade: O TEMA GERADOR escolhido para o 2º semestre foi: CONVIVÊNCIA. A escolha do TEMA GERADOR, pela proposta do projeto, deveria ser algo bem elaborado, com estudos sobre a comunidade escolar (dentro e fora da escola), mas que, pela inexperiência dos professores e falta de orientação pedagógica (específica sobre Interdisciplinaridade) foi tirado em decorrência dos problemas do dia-a-dia com os alunos, e foi consenso a necessidade de se melhorar a CONVIVÊNCIA, pelo menos dentro da escola.

Selecionado o TEMA GERADOR, o próximo passo foi a elaboração da REDE TEMÁTICA (figura 1), levantar o maior número de "dobradiças" (pequenos temas) relacionadas à CONVIVÊNCIA, juntamente com a eleição de uma QUESTÃO GERADORA que orientaria o trabalho de todas as disciplinas.

QUESTÃO GERADORA escolhida: Qual a importância dos valores na CONVIVÊNCIA social?



Depois dessas decisões, cada área selecionou as "dobradiças" a serem trabalhadas, assim como uma QUESTÃO GERADORA ESPECÍFICA.

EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Temas principais:
 - * COMPETIÇÃO/ COOPERAÇÃO
 - * REGRAS/ LIMITES
 - * RESPEITO
 - * ORGANIZAÇÃO
2. Questão Geradora Específica: Qual a relação entre as relações pessoais num jogo e na sociedade?
3. Conteúdos:
 - a) JOGOS COOPERATIVOS:
 - * cooperação
 - * aceitação
 - * participação
 - * regras/ limites

- b) BASQUETEBOL e VOLEIBOL: * Organização/
Ocupação do
espaço
* Relacionamento/
Participação
- c) CAMPEONATO: * Competição/ Cooperação
* Organização/ Divisão de
tarefas
* Respeito
* Regras (consciência e
prática)

2.2. Os Jogos Cooperativos

Pretendíamos com os jogos cooperativos incentivar atitudes de cooperação através da prática e consciência das regras dos jogos ou atividades.

Antes de passar para a descrição é interessante colocar que o que chamamos de jogos cooperativos eram jogos que priorizavam, de algum modo, a cooperação, podendo ser:

- * esportes ou jogos, conhecidos ou populares, com adaptações que favorecessem a participação de todos, o trabalho em grupo e minimizassem a competitividade;

- * jogos cujo objetivo fosse uma meta comum a ser atingida por todos os participantes do grupo, ao invés do usual: um grupo vencer outro;

- * jogos onde o prazer pela participação superava o desejo de vencer outro grupo ou pessoa;

- * atividades que envolvessem o respeito pelo outro, assim como a descoberta de limites, tanto pessoal como de outras pessoas do grupo.

Tínhamos como uma das principais referências o livro de Terry Orlick, "Vencendo a Competição", de onde tiramos as características dos jogos cooperativos:

- * promover a participação de todos;
- * estimular a confiança e o respeito mútuos;
- * facilitar a construção e o alcance de metas comuns;

- * incentivar a cooperação;
- * estreitar as fronteiras entre a coletividade e a individualidade.

Ainda, segundo o mesmo autor, os jogos cooperativos podem ser classificados em:

A. Jogos Cooperativos Sem Perdedores: nestes jogos como o próprio nome diz não há perdedores, todos que jogam "ganham".

Exemplo: "Cadeiras Musicais com cooperação": é uma variação da dança das cadeiras, que ao contrário do jogo tradicional o objetivo é manter todos no jogo, só havendo remoção das cadeiras. À medida que as cadeiras vão sendo retiradas as pessoas precisam se agrupar de forma que todas consigam sentar, tentando se chegar a uma só cadeira, onde todos deverão, de algum modo sentar.

B. Jogos de Resultado Coletivo: nestes jogos o importante é o trabalho coletivo por um objetivo ou resultado comum, sem que haja competição entre os times.

Exemplo: "Bola de Lençol de Resultado Coletivo": este jogo envolve dois times distintos, que tentam arremessar uma bola de praia ou uma bola gigante de um lado para o outro, sobre uma rede de voleibol, usando um lençol. Cada time, constituído de aproximadamente dez jogadores, está munido de um lençol e só pode usá-lo para impulsionar a bola. Cada vez que a bola é lançada sobre a rede e apanhada corretamente do outro lado, é marcado um ponto coletivo. "Quando a bola cai no chão a contagem é reiniciada." (ORLICK, T., p.127).

C. Jogos de Inversão: nestes jogos tenta-se minimizar o conceito rígido de times, diminuindo-se a preocupação exagerada com o resultado, pois o resultado numérico e os times não são definidos. Pode-se trabalhar com rodízio de jogadores, inversão de resultados ou inversão total.

Exemplos: "Inversão de Goleadores": quem marca gol passa a fazer parte do outro grupo, caso esteja perdendo, o grupo que marcar o gol recebe o ponto, mas o goleiro passa para o time "perdedor".

"Inversão de Score": neste jogo os pontos feitos são computados para o outro time.

"Inversão Total": combina-se a inversão do goleador e a anotação do ponto para o outro grupo.

D. Jogos Semicooperativos: nestes jogos conserva-se a estrutura básica do jogo, só alterando a ênfase dada. Tem-se um time jogando contra outro, mas diminui-se a importância do resultado e enfatiza-se o envolvimento ativo no jogo e a diversão. Procurando-se dar as mesmas oportunidades de jogar para todos os participantes, adaptando-se, para isso, as regras, o equipamento, etc.

Exemplos: - passar a bola por todos do grupo antes de tentar o gol;

- para que um grupo vença todos têm que fazer pelo menos um gol (para isso pode se facilitar aumentando a trave.);

- em caso de jogo com homens e mulheres, passes de homem tem que ser para mulheres e vice-versa, assim como os gols podem ser alternados, se um homem o fez, o próximo tem que ser feito por uma mulher;

- variação das posições dos jogadores, dando as mesmas chances para todos.

Esta classificação nos serviu muitas vezes como referência, assim como os exemplos de jogos. Com as 50 séries, enfocadas neste trabalho, não chegamos a utilizar todos esses tipos de jogos, priorizamos os semicooperativos e por vezes os jogos de resultado coletivo e de inversão.

A seguir vou descrever dois jogos bastante utilizados, que foram criados, com base nestas características apresentadas, em oficinas pedagógicas e conversa entre professores.

Cada um na sua zona: trata-se de um jogo que prioriza a participação de todos, incentivando aqueles com mais dificuldades, que normalmente não se sentem muito motivados em participar ativamente das atividades. Pela classificação, segundo Terry Orlick, trata-se de um jogo semicooperativo.

Organização: Dois grupos (1 e 2) divididos em 4 sub-grupos (A, B, C e D), de preferência com número de participantes parecido.

Divide-se a quadra em oito faixas, onde os sub-grupos se distribuem, como mostra a figura abaixo.



Desenvolvimento: Vou descrever tendo como objetivo o gol, tentando através de um arremesso com a mão, mas isso pode ser variado, por exemplo, arremesso à cesta, chute a gol, etc.

Um dos grupos começa com a bola e para que este grupo possa tentar o gol a bola precisa chegar na faixa mais próxima da trave. Na figura, por exemplo, para o grupo 1 é a faixa 1D, porém para a bola sair de uma faixa precisa ser passada por todos que estão nela, assim como ser passada para a seguinte faixa do grupo, até chegar naquela onde se pode tentar o gol. O outro grupo tenta impedir que a bola seja passada, tentando pegá-la, dentro de seu espaço, caso consiga é a sua vez de tentar o gol.

Esta é a base do jogo. O espaço, tipos de passes "punições", etc, podem ser decididos pelo grupo de acordo com o interesse deste e/ou do professor.

É importante que se faça rodízio dos sub-grupos, para que todos possam ter a chance de estar na faixa que pode fazer o gol, e também trabalhar com a transferência de papéis. Num momento um sujeito é defensor, noutro tenta o gol, noutro interceptar o passe.

Além de poder-se utilizar outros fins como arremesso à cesta, chute a gol, pode-se também variar a quantidade e tipo das bolas, e outras variações que se tornem necessárias.

O outro jogo que escolhi para descrever é um pouco mais simples e não coloca diretamente um grupo "contra" outro.

Rede de Pescador: Tem como objetivo o trabalho em grupo.

Organização: estabelece-se um espaço com três linhas paralelas, delimitando lateralmente o campo, como mostra a figura abaixo:



Desenvolvimento: começa com todo o grupo ("cardume de peixes"), menos um ("pescador"), situadas na linha 1 - o que não está no grupo ("pescador") fica na 2 (a do meio) e assim que este der um sinal (por exemplo: TUBARÃO!!!) todos deverão atravessar chegando na linha 3. O "pescador" tentará pescar alguns "peixes" do "cardume", tocando-os, deslocando-se sempre sobre a linha 2. Quem for pescado, passa a ajudar o participante do meio, ficando os dois, ou mais, de mãos dadas, formando uma "rede". Assim sucessivamente até que todos os "peixes" estejam na "rede". Pode-se variar o espaço aumentando-o lateralmente à medida que for diminuindo o número de "peixes", assim como a forma de deslocamento (com um só pé, de costas, lateralmente, em duplas, em trios, com diferentes formas de transportar um outro participante, etc).

2.3. A Reação dos Alunos

Infelizmente não foi feito nenhum registro sistematizado sobre a opinião dos alunos. Estes fizeram uma auto-avaliação, avaliação do curso e da professora, ao final do ano, mas, especificamente, sobre os jogos

cooperativos, não.

Apareceram alguns comentários com relação à participação, a aprender que é interessante também passar a bola e não ser só "fominha", mas que ficam um tanto vagas para este trabalho, pois a "pergunta" não foi relacionada diretamente ao assunto abordado aqui.

Foi pedido um trabalho em grupo onde os alunos escreveram sobre a questão da cooperação nas aulas de Educação Física e na escola, para ser colocados num jornal que reuniu os trabalhos finais de todas as disciplinas, mas, infelizmente, não foi possível resgatá-los.

Fica, portanto, aqui, apenas algumas lembranças minhas sobre reações às propostas levadas para as aulas.

As reações mais comuns eram de rejeição, a princípio, principalmente por alunos mais "habilidosos", ao contrário daqueles que tinham um pouco mais de dificuldade que simpatizavam, pois percebiam que iam ter mais chances nos jogos.

Aos poucos os alunos foram aceitando, mesmo porque as aulas não eram somente com os jogos cooperativos. Era um trabalho conjunto com o desenvolvimento de alguma modalidade esportiva. Começou a haver uma cobrança, por parte dos alunos, com relação a efetiva participação de todos e um certo entendimento da importância que cada um tem no jogo, desempenhando o seu papel dentro das suas possibilidades.

Ao final do ano foi realizado um Campeonato como fechamento da proposta de trabalho, onde pretendemos avaliar as reações dos alunos, principalmente com relação à cooperação, à participação e o respeito.

A organização, a separação do grupos, a determinação do número de participantes, a alteração das regras pré-estabelecidas (oficiais) foram acertadas através de discussões com os alunos.

As modalidades escolhidas foram:

- Futebol de Salão Masculino - com 5 jogadores + goleiro;
- Futebol de Salão "Feminino" - com 5 jogadoras + goleiro (masc.);
- Voleibol Misto - com 10 jogadores, sendo no mínimo 4 jogadoras;
- Handebol Misto - com 8 jogadores, sendo no mínimo 4 jogadoras + goleiro.

No decorrer do campeonato tivemos alguns problemas de desentendimento entre alunos de turmas diferentes e até da mesma, quando alguém queria jogar mais que outro. Foi preciso num momento parar os jogos para

conversarmos com os alunos e relembrá-los dos propósitos do campeonato (avaliação dos conhecimentos adquiridos, integração dos alunos das diferentes turmas, entre outros), assim como pedir que avaliassem a participação e o comportamento deles. Mesmo assim foi possível notarmos a participação de alunos mais quietos, que apresentavam dificuldades de entrosamento, e principalmente a cobrança da participação efetiva de todos e também o respeito à pessoa que estivesse apitando o jogo e ao time adversário.

Enfim, não dá para dizer que todos em todas as turmas trabalhadas entenderam e passaram a ter atitudes de cooperação e respeito, principalmente, às dificuldades e diferenças individuais, mas foi possível notar um reconhecimento dos alunos com relação ao trabalho, pois perceberam que havia uma proposta (ainda que com muito a melhorar) e passaram a ver a Educação Física como algo mais que ter uma bola para jogar, ou melhor, duas, uma para os meninos jogarem futebol e outra para as meninas jogarem volei ou queimada.

3. COOPERAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA MORALIDADE

A minha primeira intenção era justificar, ou pelo menos buscar algum respaldo teórico além daquele utilizado na época, para a utilização dos jogos cooperativos.

A princípio queria através da teoria de Piaget sobre o desenvolvimento da moralidade, entender a questão da cooperação e saber se poderia justificar o que queria. Com o desenvolvimento deste trabalho fui percebendo que mais interessante seria enfatizar a cooperação de um modo mais geral e discutir a sua presença nas aulas de Educação Física, como via na época e como vejo agora.

Para isso vou apresentar superficialmente os itens que considere importantes sobre o desenvolvimento da moralidade, mesmo porque um estudo mais profundo não seria possível para este trabalho, para no próximo capítulo discutir a cooperação na Educação Física.

Para tentar entender um pouco do que seria o desenvolvimento da moralidade e onde estaria a cooperação, baseei-me, principalmente, na dissertação de mestrado da Professora Lisandre Maria Castello Branco, cujo título é: "O Problema da Moralidade na Teoria de Jean Piaget".

O referencial desta tese, para o assunto do desenvolvimento da moralidade, é o livro "O Julgamento Moral da Criança", de Jean Piaget, publicado em 1932. Nele estão resumidos dez anos de experiências sobre formação moral da criança. O interesse básico do autor foi procurar saber o que é o respeito pela regra do ponto de vista da própria criança.

Ao pesquisar a concepção das crianças em relação à mentira, observou uma evolução no desenvolvimento moral da responsabilidade objetiva (mais ou menos 7/8 anos) para a responsabilidade subjetiva (mais ou menos 10 anos). A primeira avalia a gravidade da mentira pela inverossimilhança da afirmação falsa, enquanto que a segunda a avalia pela intenção de dissimular o caráter falso da afirmação.

Sobre o desenvolvimento da noção de justiça, Piaget observa uma oposição entre dois tipos de respeito e, por conseguinte, entre duas morais: a de obrigação ou heterônoma e a de cooperação ou autônoma (BRANCO, p.97).

DE LA TAILLE (1993), também baseado em Piaget, coloca " ...a criança passa da heteronomia - onde o bem é entendido como obediência a um dever preestabelecido - à autonomia moral - onde o bem é agora concebido como equidade e acordo racional mútuo das consciências."

Voltando à tese da professora Lisandre M. C. B., é possível falar na existência de três períodos no desenvolvimento da noção de justiça:

* subordinação à autoridade adulta (até 7-8 anos);

* igualitarismo progressivo (de 8 a 11 anos);

* justiça igualitária (de 11 anos em diante).

É interessante colocar que Piaget elaborou etapas do desenvolvimento moral baseadas nas suas inferências a partir do estudo do jogo. Importando-se ele com a forma como a criança segue a regra no que diz respeito aos aspectos da adesão e da compreensão nos diferentes estágios de seu desenvolvimento.

Ainda, Piaget distingue dois grupos de fenômenos ligados às regras dos jogos (BRANCO, p. 102):

* prática das regras (no que refere à sua aplicação);

* consciência das regras (diferentes maneiras em que as crianças, em diversos estágios, representam a si mesmas o caráter de obrigatoriedade, de sacralidade e de decisividade das regras do jogo).

"São as diferentes modalidades de confirmação desses fenômenos que anunciam para PIAGET a passagem da heteronomia à autonomia..." (BRANCO, p.102).

Nesta tese utilizada, por mim, como referencial, é feita um análise de cada uma das etapas do desenvolvimento da moralidade, juntamente com as relações entre os componentes cognitivos, sociais e afetivos. Mas vou tentar colocar aqui este desenvolvimento de forma simplificada, preocupando-me mais com as etapas onde a criança começa a cooperar.

Nos primeiros estágios do desenvolvimento da moralidade observa-se, principalmente, aspectos relativos à prática das regras (1-2 anos). Como a criança é egocêntrica do ponto de vista intelectual e individualista do social, o jogo é puramente motor e individual, sendo as regras motoras, e não coletivas. Mesmo com a imitação, onde pode reproduzir seqüências observada, a criança usa apenas para si as novas aquisições. Com isso, joga individualmente mesmo jogando com outras crianças.

A socialização das regras só é possível quando a criança passa a se relacionar com outras crianças da mesma idade.

O egocentrismo, presente nesta fase, está numa relação direta com a moral heterônoma - a ausência de moralidade do próprio sujeito, e ligado ao respeito à autoridade que os adultos representam, em especial os pais.

O respeito, sentimento misto de afeição e temor, estabelece a desigualdade na relação afetiva e leva a criança a uma moral de obediência, caracterizada pela heteronomia.

A criança ao imitar os maiores na prática das

regras, sente-se submetidas a elas por coação. "Enquanto a criança não eliminar as diferenças entre ela e as crianças mais velhas, tornando-se, por conseguinte, 'igual', não haverá cooperação, pois isto é consequência da relação de igualdade." (BRANCO, p.111).

Portanto, ainda, não há reciprocidade de sentimentos morais e respeito mútuo. "Entre a primeira etapa do realismo moral, sob a coação adulta que determina a heteronomia, e a etapa final, caracterizada pela cooperação que leva à autonomia, existe uma etapa intermediária que consiste na interiorização e generalização das regras e das ordens." (BRANCO, p.113).

O crescimento paulatino da solidariedade nas crianças permite-lhes ultrapassar seu egocentrismo e alcançar a cooperação.

Os indicativos do terceiro estágio do desenvolvimento da moral, que surgem em torno dos 7-8 anos são as primeiras manifestações relativas à cooperação, quando, aparece a necessidade de se estabelecer um acordo acerca das regras do jogo.

"Procurando vencer, a criança se esforça antes de mais nada por lutar com seus parceiros observando as regras comuns. O divertimento específico do jogo deixa assim de ser muscular e egocêntrico para tornar-se social."

J. PIAGET ap. BRANCO (1979)

Neste terceiro estágio a relação de submissão à autoridade reconhecida é substituída pelo início das relações de reciprocidade entre as crianças.

Com isso, o respeito unilateral da moral heterônoma evolui para o respeito mútuo. Surge a possibilidade do estabelecimento de regras e brincadeiras entre pares. O sentimento de justiça inicial (respeito - obediência ao adulto) evolui para um sentimento de justiça mais amplo. Ou seja, as crianças já são capazes de cooperar entre si conjugando esforços comuns para alcançar uma finalidade. Os jogos simplificados, aos poucos, vão se complicando com o aumento do conhecimento relativo às regras.

"O ingresso no quarto estágio de desenvolvimento se efetiva através do aparecimento de cooperação consistente entre os jogadores. As divergências pessoais, são substituídas por discussões "jurídicas" acerca dos pontos de litígio" (BRANCO, p.116).

Juntamente com o prazer compartilhado no jogo, a criança passa a senti-lo, também, ao inventar as regras.

Enfim, neste estágio,
"O respeito mútuo aparece, portanto, como condição necessária da autonomia, sob seu duplo aspecto intelectual e moral. Do ponto de vista intelectual, liberta as crianças das opiniões impostas, em proveito da coerência interna do controle recíproco. Do ponto de vista moral, substitui as normas da autoridade pela norma imanente à própria consciência (...)."

J. PIAGET ap. BRANCO (1979).

Finalizando este capítulo, gostaria de recorrer novamente a DE LA TAILLE e mostrar os dois tipos de relações sociais (relacionados ao desenvolvimento da moral), que cita em seu texto: coerção e cooperação.

A coerção está relacionada com a imposição de modelos culturais, embora, naturalmente seja o primeiro tipo de relação social que a criança tenha contato, não é suficiente para levar à autonomia; ao contrário, reforça a heteronomia moral e seu egocentrismo correspondente.

O outro tipo de relação social, a cooperação, faz com que a consciência da criança passe pela experiência de participar de uma relação social a ser constituída e na qual deverá colocar-se do ponto de vista alheio para garantir o acordo e respeito mútuos.

4. COOPERAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Neste capítulo pretendo, relembrando nossas intenções e ações no desenvolvimento da proposta relatada, rever alguns aspectos e discutir a cooperação na Educação Física.

Nossa primeira intenção era, juntamente com os alunos, procurar saber qual era a relação entre as relações pessoais num jogo e na sociedade (Questão Geradora Específica). Para nós, professoras, era claro que existia uma relação, e trabalhamos com a hipótese de ser o jogo, reflexo da sociedade, assim como, de poder mudar atitudes através dos jogos e, quem sabe, melhorar a convivência social.

"Os jogos e os esportes são reflexos da sociedade em que vivemos, mas também servem para criar o que é refletido. Muitos valores importantes e modos de comportamento são aprendidos por meio das brincadeiras, dos jogos e dos esportes."

(ORLICK, p.182)

Daf a utilização dos jogos cooperativos. Assustadas com a excessiva competitividade e egoísmo dos alunos, e das pessoas em geral, achamos que era preciso tentar alguma coisa.

Hoje, a minha primeira observação com relação à proposta é sobre o termo: JOGOS COOPERATIVOS. Se considerarmos, COOPERAR, segundo sua significação etmológica, "CO - OPERAR", ou seja, "operar com", fica difícil pensar num jogo que não seja cooperativo.

KAMII, refere-se a jogos como "... aqueles em que as crianças jogam juntas de acordo com uma regra estabelecida que especifique: (1) algum clímax preestabelecido (ou uma série deles) a ser alcançado e (2) o que cada jogador deveria tentar fazer em papéis que são interdependentes, opostos e cooperativos." (grifos próprios).

Acredito que esta definição reforce a redundância do termo JOGOS COOPERATIVOS, assim como a seguinte consideração, da mesma autora, "...o jogo não pode ser jogado a não ser que os jogadores concordem mutuamente com as regras e cooperem seguindo-as, e aceitando suas consequências" (pág. 4).

Por vezes, cheguei a pensar na cooperação como simples oposto à competição, embora já tivesse em mente o significado da palavra como "CO - OPERAR". O que talvez não estivesse muito claro era o fato da competição ser,

também, um ato de "CO - OPERAÇÃO."

Na realidade o que queríamos era conseguir uma cooperação para um bem comum. O que acredito, hoje, ser tarefa bastante difícil. Tarefa que não depende só da alteração dos jogos, mas de uma mudança de postura, tanto de professores como de todos que de alguma forma são "modelos" para as crianças.

Ao trazer algumas considerações de autores que discutiram, de algum modo, a questão da cooperação e da competição, pretendo mostrar a possibilidade de se lidar, de maneira mais consciente com este problema, se é que se pode chamar de problema.

Um primeiro passo seria substituir a idéia de que competição é sempre uma coisa negativa e cooperação sempre positiva.

"Margareth Mead definiu a competição como o ato de procurar ganhar o que outra pessoa está se esforçando para obter, ao mesmo tempo" (ORLICK, p.81).

Para KAMII, há "...uma diferença entre comparar desempenhos e competir. A primeira é uma condição necessária, mas não suficiente para a segunda. A competição é uma comparação mais alguma coisa - tentar exceder ou superar os outros".

Um primeiro olhar sobre essas condições podem reforçar a idéia de competição como algo negativo, pois mostra que na competição há superação, um ganhador e um perdedor, ou muitos perdedores. Torná-la realmente prejudicial vai depender de como os adultos lidam com isto.

"...as situações competitivas não precisam ser puramente competitivas, com apenas duas alternativas, embora, em geral o sejam devido a ênfase dada ao resultado mais notório e facilmente reconhecível - o escore. A maneira como o indivíduo interpreta a situação competitiva influencia muito sua orientação e o resultado pessoal..." (ORLICK, p.82).

"Os adultos devem lidar com competição mais naturalmente, para que a criança também veja o fato de ganhar como nada mais do que ganhar. Sua glorificação coroa o ganhador com um sentimento de superioridade e o perdedor com um sentimento de falha. Quando os adultos lidam de maneira errada e destrutiva com a competição, ela se tonar altamente indesejável." (KAMII, p.272)

Diante disto, é possível perceber que, trocar a competição nas aulas de Educação Física pela cooperação, além de ser quase utópico, não seria a única ou melhor opção para conseguir uma melhora na convivência.

O professor deve estar consciente do que o seu trabalho vai resultar. E se é interesse que os alunos atinjam o respeito mútuo e saibam utilizar a cooperação

para obtenção de bens comuns, o professor pode se valer dos artifícios que lhe for possível para tal, inclusive a competição.

"... o professor deve dizer à criança que, sem aceitar a possibilidade de perder, não se pode jogar... É preciso fazer com que elas entrem em contato com suas verdadeiras emoções e que as ajudemos a lidar com elas de modo construtivo." (KAMII, p.280).

"O dever do professor não é evitar jogos competitivos, mas guiar as crianças..., para que se tornem jogadoras justas e capazes de comandar a si próprias." (KAMII, p.281).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha intenção com esta monografia foi, simplesmente, rever uma proposta de trabalho e pensar "mais consciente" sobre alguns aspectos.

São opiniões minhas e de alguns autores, com os quais me identifiquei, sem pretender um estudo mais profundo, acerca da cooperação.

Por vezes, fiquei em dúvida sobre qual caminho, ou enfoque, escolheria para discussão deste assunto. Posso dizer que foi interessante a opção que fiz, pude ter mais segurança sobre algumas coisas, que até então eu só "achava". Mas, não posso negar que me senti muito atraída, num momento do trabalho, por trocar tudo, e passar a discutir a cooperação sob o aspecto cultural e social.

Diante do que foi possível colocar neste trabalho, gostaria de reforçar a idéia de que o professor deve estar consciente do que o seu trabalho proporciona. Embora sejamos uma classe desprivilegiada, principalmente nós que insistimos na escola pública, temos um papel muito importante.

Mesmo que a "concorrência" (televisão, as falcatruas do mundo político, os maus exemplos em geral) esteja muito forte, acredito que o professor precise resistir, e confiando no seu trabalho faça o que foi possível dentro das suas possibilidades de acesso e atuação. Tendo sempre claro o que pretende, e para que possa avaliar os resultados precisa pretender coisas cabíveis.

Não que o professor deixe de trabalhar a nível da esperança, mas se ficar só neste nível, fica difícil saber se seu trabalho está servindo para alguma coisa.

Resolvi terminar este trabalho falando dessas coisas, talvez até fugindo do assunto, mas é que na Educação Física o que vêm me incomodando muito é uma certa indefinição, ou briga de definições, e, muitas vezes, a atribuição de um papel inatingível à Educação Física.

Por fim, eu mesma já pensei que poderia "salvar o mundo" através das minhas aulas, mas acho que jamais poderia saber se conseguiria. Portanto, pensando mais humildemente fica possível atribuir à Educação Física um papel de que possa dar conta.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANCO, Lisandre M. C. O Problema da Moralidade na Teoria de Jean Piaget. São Paulo, 1979. (Tese-Mestrado. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação).
- DE LA TAILLE, Y. A Dimensão Ética na Obra de Jean Piaget. Série IDÉIAS, vol. 19. SP, FDE, 1993.
- KAMII, C. Jogos em Grupo na Educação Infantil : implicações da teoria de Piaget. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.
- ORLICK, T. Vencendo a Competição. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.